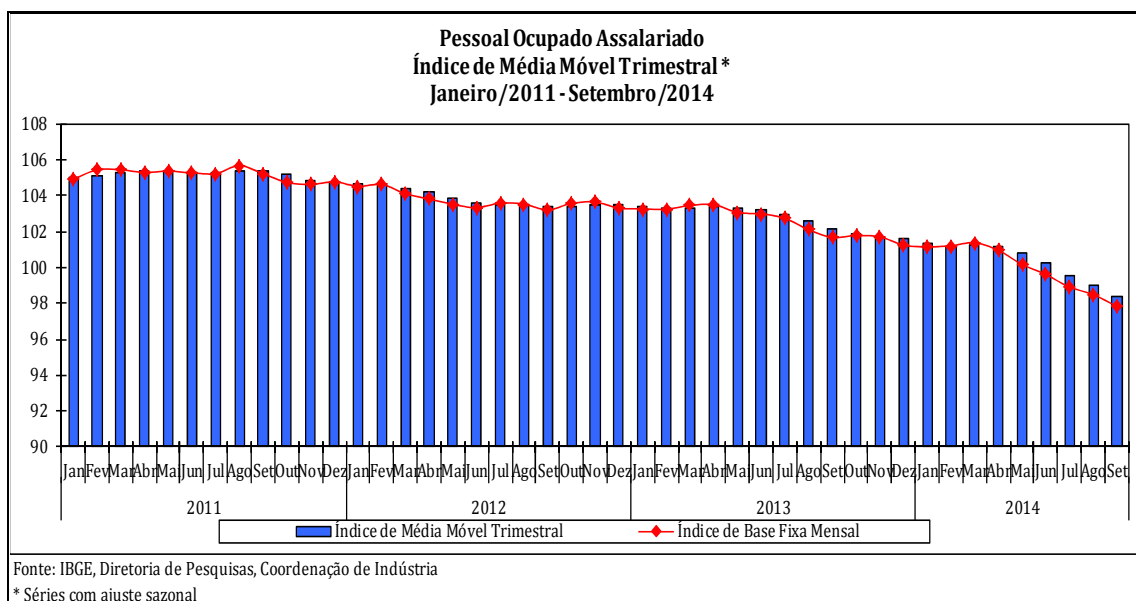


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em setembro de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,7% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, sexta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 3,5%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou redução de 0,6% no trimestre encerrado em setembro de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o emprego na indústria apontou retração de 1,8% no período julho-setembro de 2014, sétima taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, e mostrou ritmo de queda mais intenso do que o observado no primeiro (-0,3%) e segundo (-1,0%) trimestres de 2014.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 3,9% em setembro de 2014, trigésimo sexto resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde outubro de 2009 (-5,4%). Com isso, o total do pessoal ocupado assalariado recuou tanto no fechamento do terceiro trimestre de 2014 (-3,7%), como no índice acumulado dos nove meses do ano (-2,8%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos

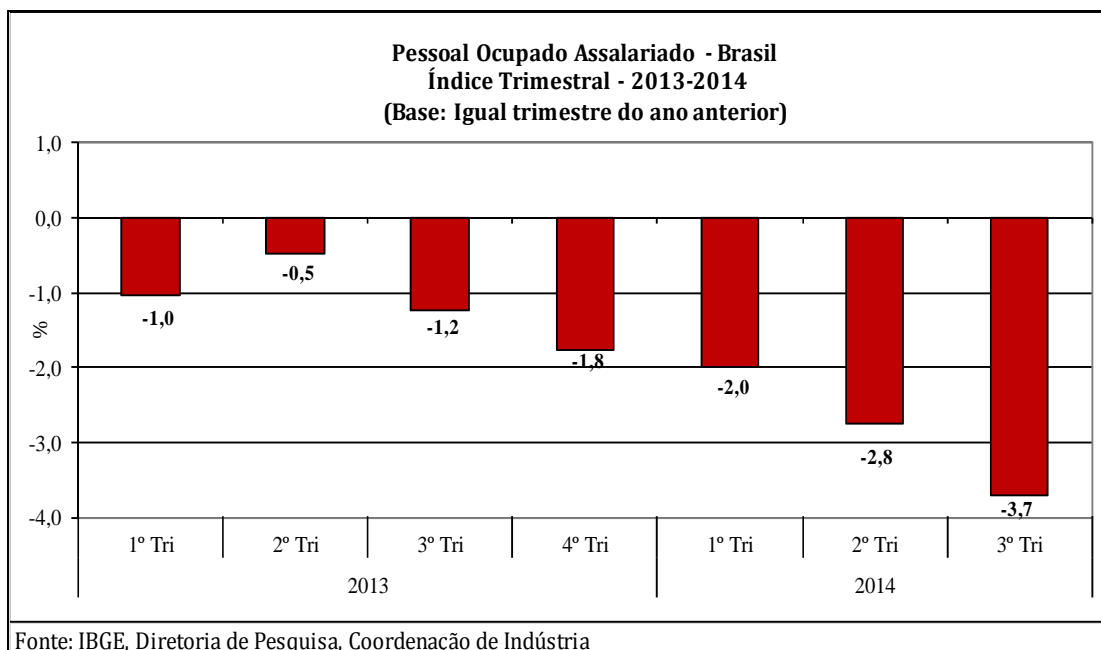
doze meses, ao recuar 2,6% em setembro de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 3,9% em setembro de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em treze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-4,7%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em dezesseis das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de meios de transporte (-7,0%), de máquinas e equipamentos (-6,1%), de produtos de metal (-9,0%), de alimentos e bebidas (-2,7%), de outros produtos da indústria de transformação (-11,1%), de calçados e couro (-15,5%), de produtos têxteis (-8,3%), de borracha e plástico (-3,7%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,5%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Paraná (-5,2%), Minas Gerais (-3,9%), Rio Grande do Sul (-4,7%), Região Norte e Centro-Oeste (-3,2%) e Região Nordeste (-2,2%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-28,4%), outros produtos da indústria de transformação (-14,8%), vestuário (-12,9%), meios de transporte (-8,4%) e produtos de metal (-7,9%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de meios de transporte (-11,1%), calçados e couro (-17,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,4%), outros produtos da indústria de transformação (-7,7%), metalurgia básica (-4,3%), produtos químicos (-7,1%) e papel e gráfica (-11,1%); o terceiro devido à retração registrada nos setores de máquinas e equipamentos (-11,8%), meios de transporte (-10,5%), metalurgia básica (-28,0%), calçados e couro (-5,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,0%); o quarto explicado, especialmente, pelo recuo em produtos de metal (-18,6%), alimentos e bebidas (-1,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,2%) e madeira (-7,7%); e o último pressionado, em grande medida, pelas quedas verificadas em alimentos e bebidas (-2,6%), calçados e couro (-5,1%), máquinas e equipamentos (-11,1%), produtos de metal

(-8,4%) e outros produtos da indústria de transformação (-8,0%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 0,4%, exerceu a única pressão positiva, impulsionado, em grande parte, pelos setores de vestuário (21,0%), de alimentos e bebidas (2,2%), de produtos químicos (7,6%) e de produtos têxteis (9,9%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de setembro de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quatorze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de meios de transporte (-7,8%), máquinas e equipamentos (-6,9%), produtos de metal (-8,4%), calçados e couro (-8,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,2%), outros produtos da indústria de transformação (-6,5%), vestuário (-4,2%), alimentos e bebidas (-1,0%) e metalurgia básica (-5,8%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de minerais não-metálicos (1,1%) e de produtos químicos (1,0%).

Na análise por trimestres, observa-se que o emprego industrial, ao recuar 3,7% no terceiro trimestre de 2014, apontou o décimo segundo trimestre consecutivo de resultados negativos, aumentando a intensidade no ritmo de queda frente aos índices do primeiro (-1,0%) e segundo (-2,8%) trimestres do ano, todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Essa perda de dinamismo foi observada em doze dos dezoito setores e em doze dos quatorze locais pesquisados, com destaque para alimentos e bebidas, que passou de 0,2% no período abril-junho de 2014 para -1,1% no trimestre seguinte, meios de transporte (de -4,4% para -7,3%), borracha e plástico (de 0,1% para -2,1%), vestuário (de -2,8% para -4,6%) e máquinas e equipamentos (de -4,3% para -6,0%), entre as atividades, e Pernambuco (de 1,3% para -0,5%), Ceará (de -1,6% para -3,0%), Minas Gerais (de -2,0% para -3,2%), Região Norte e Centro-Oeste (de -1,1% para -2,3%) e Santa Catarina (de -0,4% para -1,6%), entre os locais.

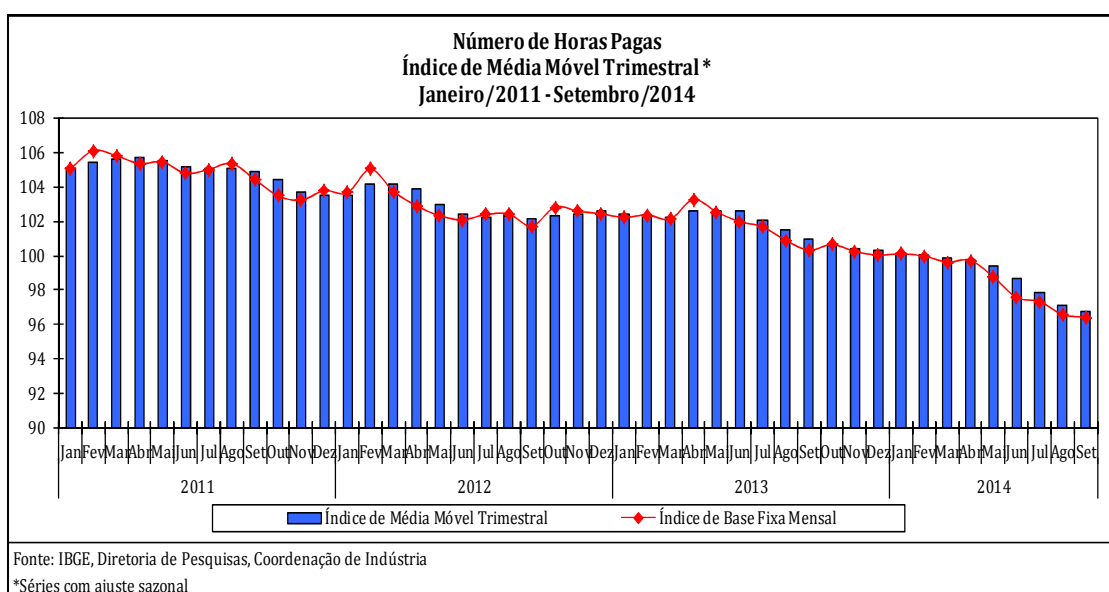


No índice acumulado nos nove meses de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,8%, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quinze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-4,0%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,2%), Paraná (-4,2%), Minas Gerais (-2,2%), Região Nordeste (-1,4%) e Rio de Janeiro (-2,3%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 0,9%, exerceu a única pressão positiva. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-7,0%), máquinas e equipamentos (-5,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,9%), calçados e couro (-8,0%), meios de transporte (-4,6%), produtos têxteis (-4,7%), vestuário (-3,0%), outros produtos da indústria de transformação (-3,8%) e refino de petróleo e produção de álcool (-8,0%). Em sentido contrário, os impactos positivos foram registrados por produtos químicos (1,6%), minerais não-metálicos (1,0%) e alimentos e bebidas (0,2%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em setembro de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,2% frente ao mês imediatamente anterior, quinta taxa negativa consecutiva, acumulando

nesse período perda de 3,3%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou recuo de 0,4% no trimestre encerrado em setembro de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas na indústria apontou recuo de 1,9% no período julho-setembro de 2014, quinta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, e mostrou ritmo de queda mais intenso do que os observados no primeiro (-0,4%) e segundo (-1,2%) trimestres do ano.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria recuou 4,2% em setembro de 2014, décima sexta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto. Com isso, o total do número de horas pagas apontou perda tanto no fechamento do terceiro trimestre de 2014 (-4,3%), como no índice acumulado dos nove meses do ano (-3,4%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -2,9% em agosto para -3,1% em setembro de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

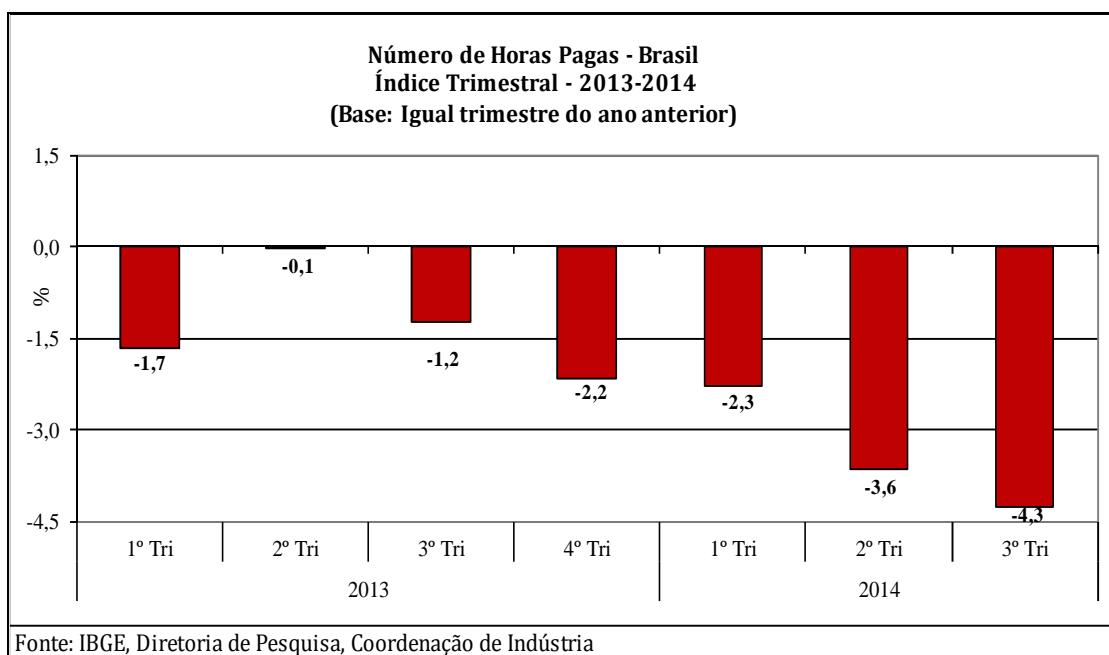
Em setembro de 2014, o número de horas pagas recuou 4,2% no confronto com igual mês do ano anterior, com perfil disseminado de queda, já que treze dos quatorze locais e quinze dos dezoito ramos pesquisados apontaram

taxas negativas. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de máquinas e equipamentos (-8,3%), meios de transporte (-7,7%), produtos de metal (-10,1%), calçados e couro (-9,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,4%), outros produtos da indústria de transformação (-6,3%), vestuário (-3,9%), metalurgia básica (-6,9%) e alimentos e bebidas (-0,8%). Em sentido contrário, os setores de produtos químicos (1,1%), de minerais não-metálicos (0,8%) e de fumo (12,3%) assinalaram os impactos positivos nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-5,2%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em setembro de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de máquinas e equipamentos (-9,2%), meios de transporte (-7,6%), produtos de metal (-12,8%), outros produtos da indústria de transformação (-11,5%), alimentos e bebidas (-2,4%), borracha e plástico (-4,7%), produtos têxteis (-7,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (-11,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Minas Gerais (-4,1%), por conta, principalmente, das pressões negativas vindas de calçados e couro (-35,7%), meios de transporte (-9,1%), metalurgia básica (-5,4%), indústrias extrativas (-6,5%), produtos químicos (-8,2%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,2%); Rio Grande do Sul (-5,3%), explicada em grande medida pelas quedas nos ramos de máquinas e equipamentos (-13,2%), meios de transporte (-8,9%), produtos de metal (-11,0%), calçados e couro (-6,1%) e metalurgia básica (-26,8%); Paraná (-5,6%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-34,9%), outros produtos da indústria de transformação (-14,9%), vestuário (-11,9%), meios de transporte (-9,6%) e máquinas e equipamentos (-6,5%); Região Norte e Centro-Oeste (-3,3%), por conta, das pressões negativas vindas de produtos de metal (-22,1%), alimentos e bebidas (-3,0%), madeira (-8,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,4%); e Região Nordeste (-2,3%), em função, principalmente, dos recuos observados em calçados e couro (-6,0%), produtos de metal (-13,4%), máquinas e equipamentos

(-13,5%), produtos têxteis (-4,9%) e outros produtos da indústria de transformação (-7,2%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 3,0%, assinalou o único resultado positivo, impulsionado, em grande parte, pelas expansões vindas de alimentos e bebidas (10,2%), vestuário (21,6%), produtos químicos (4,9%) e produtos têxteis (10,7%).

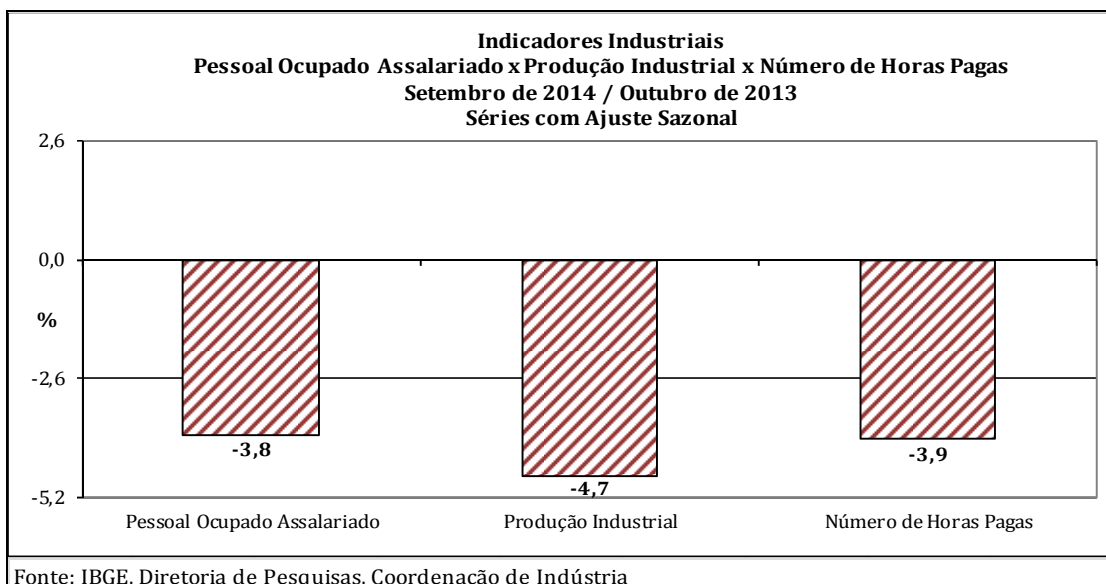
Em bases trimestrais, o número de horas pagas apontou queda de 4,3% no período julho-setembro de 2014, décima terceira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, e intensificou o ritmo de queda frente aos resultados do primeiro (-2,3%) e segundo (-3,6%) trimestres de 2014, todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A perda de dinamismo no total do número de horas pagas entre abril-junho de 2014 e o terceiro trimestre do ano foi acompanhada por doze setores e onze locais, com destaque para alimentos e bebidas (de -0,2% para -1,4%), máquinas e equipamentos (de -5,7% para -7,6%) e borracha e plástico (de -0,3% para -2,4%), entre as atividades, e Rio de Janeiro (de -1,1% para -3,3%), Região Norte e Centro-Oeste (de -0,8% para -2,5%), Santa Catarina (de -1,2% para -2,0%), Ceará (de -2,4% para -3,2%) e Minas Gerais (de -3,1% para -3,9%), entre os locais.



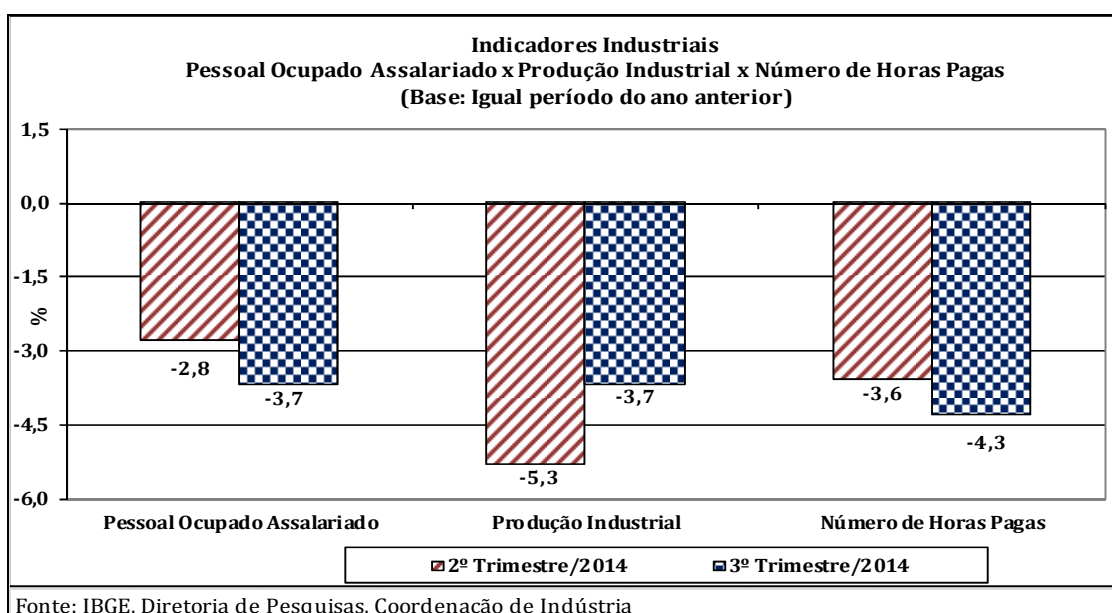
No índice acumulado nos nove meses de 2014 houve recuo de 3,4% no número de horas pagas, com dezesseis dos dezoito setores pesquisados

apontando redução. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de produtos de metal (-8,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,0%), máquinas e equipamentos (-6,6%), meios de transporte (-5,7%), calçados e couro (-8,5%), produtos têxteis (-5,6%) e vestuário (-3,4%). Em sentido oposto, os setores de minerais não-metálicos (1,3%) e de produtos químicos (1,0%) exerceram as contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, todos os quatorze locais investigados apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,6% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-5,4%), Paraná (-5,2%), Minas Gerais (-3,0%) e Região Nordeste (-2,4%).

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com o primeiro acumulando perda de 3,5% em seis meses seguidos de taxas negativas, e o segundo assinalando recuo de 3,3% entre maio e setembro. Vale destacar que esses resultados refletem, especialmente, a diminuição de ritmo que marca a produção industrial desde o último trimestre de 2013, com redução de 4,7% desde outubro de 2013. Nesse mesmo período, o total do pessoal ocupado e do número de horas pagas também mostraram perdas: de -3,8% e de -3,9%, respectivamente. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu, nas duas variáveis, com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.



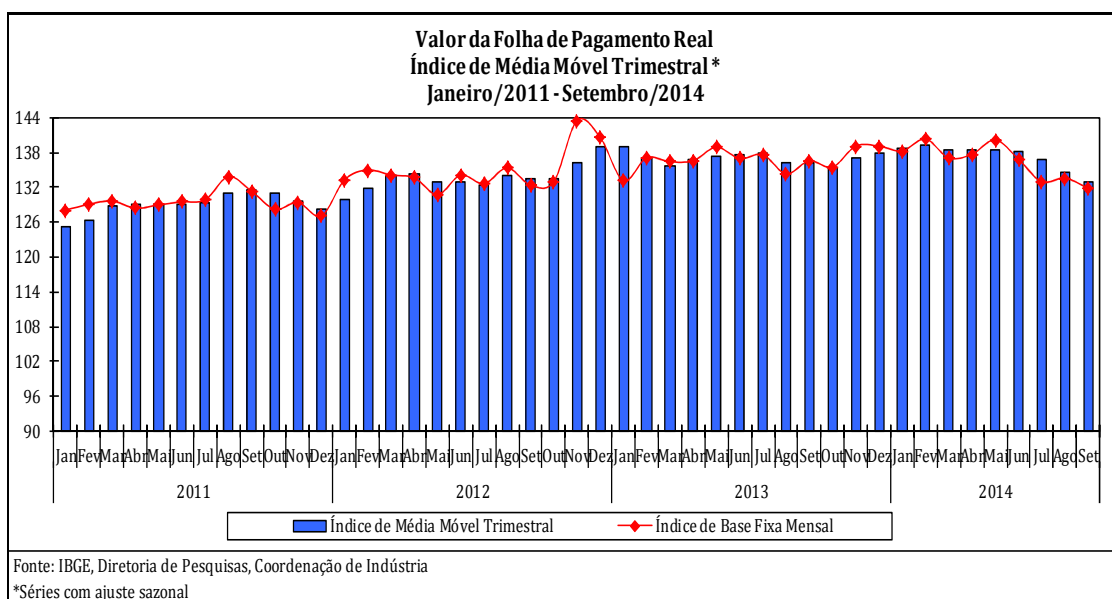
Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em setembro de 2014 assinalando taxas negativas, com o primeiro apontando o resultado negativo mais intenso desde outubro de 2009 (-5,4%), e o segundo registrando o 16º mês seguido de queda. Essa perda de dinamismo também fica evidenciada, na análise trimestral, em que tanto o emprego industrial, que passou de -2,8% no período abril-junho de 2014 para -3,7% no terceiro trimestre do ano, como o número de horas pagas (de -3,6% para -4,3%) intensificaram a queda entre os dois períodos, acompanhando o movimento de perda registrado pela produção industrial (de -5,3% para -3,7%), que embora tenha reduzido o ritmo de perda, prossegue assinalando taxas negativas.



O índice acumulado nos nove meses de 2014 permaneceu com comportamento negativo no total do pessoal ocupado assalariado e no número de horas pagas, com ambos mostrando predomínio de taxas negativas entre os setores e locais investigados.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em setembro de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 1,3% frente ao mês imediatamente anterior, eliminando o avanço de 0,5% registrado em agosto último. Vale destacar que nesse mês verifica-se a influência negativa da indústria de transformação (-1,5%), já que o setor extrativo mostrou avanço de 3,2%. Com isso, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria apontou queda de 1,2% no trimestre encerrado em setembro de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em fevereiro último. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real da indústria apontou recuo de 3,9% no período julho-setembro de 2014 e intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do segundo trimestre do ano (-0,2%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou recuo de 3,5% em setembro de 2014, quarta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde

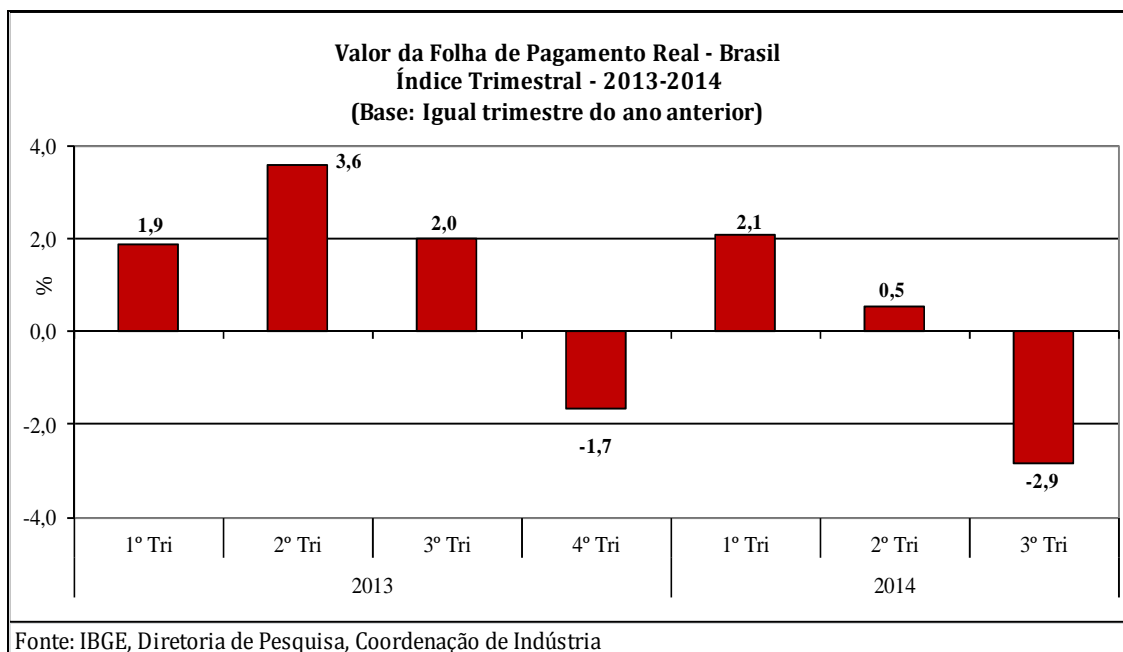
novembro de 2013 (-3,6%). Com isso, o valor da folha de pagamento real apontou perda tanto no fechamento do terceiro trimestre de 2014 (-2,9%), como no índice acumulado dos nove meses do ano (-0,1%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao mostrar variação negativa de 0,5% em setembro de 2014, marcou o primeiro resultado negativo desde junho de 2010 (-0,1%) e permaneceu com a trajetória descendente iniciada em janeiro último (1,6%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real mostrou queda de 3,5% em setembro de 2014, com resultados negativos em dez dos quatorze locais investigados. A principal influência negativa no total nacional foi assinalada por São Paulo (-5,4%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real nos setores de meios de transporte (-12,5%), alimentos e bebidas (-7,2%), máquinas e equipamentos (-5,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,8%), produtos de metal (-9,2%) e metalurgia básica (-8,6%). Vale citar também as contribuições negativas vindas do Rio Grande do Sul (-5,1%), Paraná (-5,2%), Região Nordeste (-2,7%) e Minas Gerais (-2,2%), influenciadas, principalmente, pelas reduções observadas nos setores de máquinas e equipamentos (-11,5%), metalurgia básica (-28,1%), meios de transporte (-6,8%), produtos de metal (-8,8%), alimentos e bebidas (-3,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,3%), no primeiro local; de meios de transporte (-20,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-30,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-14,2%), no segundo; de indústrias extrativas (-8,3%), metalurgia básica (-13,1%), meios de transporte (-8,1%), produtos de metal (-12,4%) e máquinas e equipamentos (-10,5%), no terceiro; e de meios de transporte (-6,0%), calçados e couro (-30,7%), metalurgia básica (-4,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,7%) e máquinas e equipamentos (-6,4%), no último. Em sentido contrário, os principais impactos positivos sobre a média global foram verificados na Região Norte e

Centro-Oeste (0,9%) e no Espírito Santo (2,6%), impulsionados, em grande parte, pelos avanços registrados nos setores de alimentos e bebidas (2,1%), minerais não-metálicos (11,6%), outros produtos de indústria de transformação (18,1%) e indústrias extrativas (3,4%), no primeiro local, e de indústrias extrativas (9,3%), metalurgia básica (11,6%) e alimentos e bebidas (7,8%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice mensal de setembro de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país recuou em treze dos dezoito ramos investigados, com destaque para meios de transporte (-11,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%), máquinas e equipamentos (-4,4%), produtos de metal (-8,1%), metalurgia básica (-6,4%), borracha e plástico (-3,7%) e alimentos e bebidas (-1,1%). Por outro lado, os principais impactos positivos foram verificados nos setores de papel e gráfica (2,5%) e de produtos químicos (1,8%).

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real, ao recuar 2,9% no terceiro trimestre de 2014, mostrou clara perda de ritmo frente aos resultados dos três primeiros meses do ano (2,1%) e do segundo trimestre (0,5%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Este movimento de perda de dinamismo do valor da folha de pagamento real entre o segundo e o terceiro trimestres do ano ocorreu em doze das dezoito atividades pesquisadas, com destaque para alimentos e bebidas (de 6,8% para -1,5%), meios de transporte (de -0,5% para -6,6%), indústrias extrativas (de 4,5% para -3,3%) e refino de petróleo e produção de álcool (de 3,1% para -6,4%). Regionalmente, todos os quatorze locais reduziram o ritmo entre esses dois períodos, com destaque para Espírito Santo, que passou de 5,2% para -1,3%, Pernambuco (de 3,1% para -2,0%), São Paulo (de -0,1% para -4,1%), Paraná (de 0,6% para -3,6%) e Região Nordeste (de 1,6% para -2,5%).



No índice acumulado nos nove meses de 2014, o valor da folha de pagamento real assinalou decréscimo de 0,1%, com taxas negativas em sete dos quatorze locais pesquisados. O impacto negativo mais relevante sobre o total da indústria foi registrado por São Paulo (-0,7%). Vale destacar também, embora em menor escala, os recuos vindos de Rio Grande do Sul (-1,6%), Região Nordeste (-0,6%) e Rio de Janeiro (-0,6%). Em sentido contrário, a principal contribuição positiva foi assinalada pela Região Norte e Centro-Oeste (3,5%), seguida por Santa Catarina (1,8%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real recuou em dez das dezoito atividades pesquisadas, pressionado, principalmente, pelas quedas vindas de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,4%), de produtos de metal (-4,4%), de máquinas e equipamentos (-2,0%) e de meios de transporte (-1,0%). Por outro lado, os setores de alimentos e bebidas (3,3%), de minerais não-metálicos (4,5%) e de borracha e plástico (2,7%) apresentaram as principais contribuições negativas no índice acumulado dos nove meses do ano.